

ASSOCIAÇÃO CARUARUENSE DE ENSINO SUPERIOR
CENTRO UNIVERSITÁRIO TABOSA DE ALMEIDA (ASCES-UNITA)
BACHARELADO EM JORNALISMO

IZABELLY VASCONCELOS NASCIMENTO

UM OLHAR NO ISLÃ
LIVRO-REPORTAGEM FOTOGRÁFICO QUE RETRATA AS DIFERENTES
CARACTERÍSTICAS DO SER MUÇULMANO NO ESTADO DE
PERNAMBUCO

CARUARU
2018

IZABELLY VASCONCELOS NASCIMENTO

UM OLHAR NO ISLÃ
LIVRO-REPORTAGEM FOTOGRÁFICO QUE RETRATA AS DIFERENTES
CARACTERÍSTICAS DO SER MUÇULMANO NO ESTADO DE
PERNAMBUCO

Relatório Técnico apresentado como requisito parcial de obtenção de grau em Jornalismo, no Centro Universitário Tabosa de Almeida.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo de Paiva e Souza

Coorientador: Prof. Esp. Diogenes José Pereira Barbosa

CARUARU
2018

RESUMO

O presente relatório trata de um livro reportagem-fotográfico que busca retratar as diferentes características do ser muçulmano no estado de Pernambuco. O objetivo do livro é que possa colaborar na importância da compreensão da diversidade cultural, religiosa, política, social, enfim, humana para a construção de um melhor ambiente de convívio, de tolerância e de qualidade de vida e contribuir com a discussão acerca do assunto, reduzir estigmas, diversificar o olhar sobre os estereótipos, apresentando, dentro do possível, o perfil, ou melhor, os perfis do ser muçulmano em Pernambuco.

Palavras-chaves: muçulmanos, islã, religião, estigmas e estereótipos.

ABSTRACT

This report brings a book-photographic book that seeks to portray the different characteristics of the Muslim being in the state of Pernambuco. The purpose of the book is to collaborate on the importance of understanding cultural, religious, political, social, and human diversity in order to build a better environment for living, tolerance and quality of life and contribute to the discussion about the subject , to reduce stigmas, to diversify the view on stereotypes, presenting, as far as possible, the profile, or rather the profiles of the Muslim being in Pernambuco.

Keywords: Muslim, Islam, religion, stigma and stereotypes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 DESENVOLVIMENTO	11
2.1 A REALIZAÇÃO	15
3 RESULTADOS.....	17
2 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	18
REFERÊNCIAS.....	19

1 INTRODUÇÃO

O trabalho propôs a produção de um livro-reportagem fotográfico, que retratasse as diferentes características do ser muçulmano no estado de Pernambuco. O livro-reportagem, segundo Eduardo Belo (2016, p.41), é um instrumento aperiódico de difusão de informação de caráter jornalístico, que não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento, reunindo informação mais organizada e rica para o exercício da profissão, não comporta assuntos efêmero.

No livro-reportagem proposto neste trabalho, a fotografia aparece como linguagem central. Além das imagens, tais abordagens são reforçadas em textos de apoio. Mas, são as fotos que possibilitam que o leitor perceba o laço imaginário entre a ideia construída pela pessoa/modelo e o texto. As imagens complementam a narração, de forma mais eloquente e têm como função retratar, de forma mais realística, o “ser muçulmano” no estado de Pernambuco, permitindo que as pessoas/modelos se apresentem como elas são e querem ser vistas pela sociedade; fazendo contrapontos e/ou trazendo esclarecimentos sobre os estereótipos estigmatizados pelo senso comum.

O trabalho tem também como objetivo abordar os estigmas e os estereótipos que rodeiam a religião islâmica, considerando as controvérsias que lhe cercam, como o “11 de setembro”, “terrorismo”, “opressão das mulheres muçulmanas” e “Sharia”. Tais questões parecem ser relevantes para uma discussão que contribua com a compreensão do perfil dos muçulmanos em Pernambuco, considerando aspectos como: o contexto em que ele vive, seu cotidiano, sua origem e como se iniciou sua inserção no islamismo. Além de apresentar as motivações e os desafios que os muçulmanos enfrentam no dia a dia.

Desde o seu surgimento, o islamismo se caracterizou por ser uma religião que está em constante expansão. Henry Nakashima (2009, p.2) acredita que o islã é uma religião que está em movimento, não porque disseminar é um critério da religião, mas sim, porque ela surgiu em uma

sociedade mercantil¹, com um frequente trânsito cultural. Nakashima (2009, p. 3-5) diz:

Ainda em vida, praticamente toda península arábica já havia abraçado o islam, e não tardou para que seus emissários alcançassem, cada vez mais, regiões mais distantes, como na região do Chifre da África.

[...]

Ao final do quarto califado, em 661 d.C., portanto apenas trinta anos após a morte de Mohammad, os muçulmanos já haviam chegado ao território que consiste a atual Turquia, à Líbia, no continente africano, e à região do atual Paquistão. Pouco tempo depois, estenderam-se por todo o Magreb, a região do Norte do continente africano, até alcançar o Marrocos. Tendo ali chegado, não tardou para que cruzassem o estreito de Gibraltar e alcançassem a península ibérica.

[...]

[...] como o dos persas e dos otomanos – se revertem ao islam, as revelações do Profete alcançaram lugares mais distantes. Enquanto estiveram no poder, os persas Omíadas tiveram grande força no chamado Oriente Médio e na península ibérica; havia também os Moghul, mongóis muçulmanos que só tiveram seu último líder deposto em 1858, pelos ingleses, mas não sem que antes o islamismo tivesse alcançado a região da Indonésia. Os Otomanos, por sua vez estenderam os territórios islâmicos por uma vasta região que abarcava o sudeste europeu (Grécia, região dos Balcãs, etc), o Oriente Médio (com exceção do interior da península arábica) e o norte do continente africano, o Magreb.

Segundo dados da Pew Research Center – PRC (2017),² em 2015 mais de 80 países favoreciam uma religião específica, ou seja, apresentavam uma religião oficial. O islamismo seria a religião que cresce mais rápido e é adotada em 27 países, a maioria nos continentes asiático e africano, principalmente na

¹ Sociedade Mercantil é uma organização dedicada à obtenção de lucro a partir de intercâmbios comerciais, diferentemente da perspectiva de uma sociedade civil. Disponível em: < <https://conceitos.com/sociedade-mercantil/>>. Acesso em: 07/12/2018.

² “É um centro de informações apartidário que informa o público sobre as questões, atitudes e tendências que moldam o mundo. Realiza pesquisa de opinião pública, pesquisa demográfica, análise de conteúdo midiático e outras pesquisas científicas empíricas” (PEW RESEARCH CENTER, s/d). Disponível em: < <http://www.pewresearch.org/>>. Acesso em: 11/04/2018.

região do Oriente Médio e Norte da África. E 62% da população muçumana estariam concentrados na região Ásia-Pacífico, onde se encontram países como Bangladesh, Brunei, Indonésia e Malásia; na África, todos os países da região norte daquele continente seguem o islamismo e na África-subsaariana, o islamismo é a religião do Estado em alguns países como Djibuti, Mauritânia e Somália; a Europa apresenta um único país muçumano, a Bósnia; e quinze países no oriente médio consideram-se islâmicos (Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Egito, Emirados Árabes Unidos, Lémén, Irã, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Estado da Palestina, Síria e Turquia).

No Brasil, o número de muçulmanos cresceu 29,1% de 2000 a 2010, segundo o último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). A comunidade passou de 27.239 pessoas para 35.167. No mesmo período, a população brasileira aumentou 12,3%. Entre os muçulmanos brasileiros, 21.042 são homens e 14.124, mulheres, a maioria esmagadora vive em áreas urbanas, 29.248 se declaram brancos. Outras 1336 pessoas se declaram negros, 268, asiáticos, e 4,3 mil, pardos, e um dado curioso, 15 indígenas se disseram muçulmanos, contra 24 em 2000.

O islamismo possui uma comunidade diversificada mundo a fora, e por isso apresenta seguidores de etnias e culturas diferentes, a variedade de traços culturais contribui para a existência de diferentes comportamentos, variando de acordo com o contexto em que a pessoa está inserida, considerando diversos fatores, entre eles a presença ou não da influência árabe. De acordo com Nakashima (2009, p.11)

Há diversos fatores sociais, culturais e históricos imprescindíveis a qualquer análise sobre ele (islamismo)³ e que vale para qualquer prática religiosa. Por mais que, independentemente do local e do período, os fiéis sigam as mesmas leis e o mesmo livro sagrado, é preciso entender que o recorte temporal, o local, a cultura, a condição em que a religião se encontra, enfim, o contexto, é fundamental. Dessa forma pode-se falar do islamismo da península arábica do século VII, do islamismo da península ibérica do século X, do islamismo entre os negros escravizados do Brasil do século XIX, do islamismo entre imigrantes árabes de São Paulo do século XX.

³ Palavra inserida no texto para compreender melhor o contexto.

Portanto essa transição cultural, se torna constante em países que possuem uma vertente islâmica, conseqüentemente gerando diversas interpretações acerca da religião, sendo construídos estereótipos e estigmas.

João Adriano⁴ classifica os muçulmanos no Brasil em dois grupos: o primeiro seria um grande grupo formado pelos os imigrantes, e o outro seria formado por pessoas que se convertem ou se “revertem”.⁵ No Brasil, há aqueles que nasceram muçulmanos e os que se converteram (CAVALCANTE JÚNIOR apud SANTOS, 2011, p.182). No primeiro grupo, há os que são árabes ou descendentes, africanos e asiáticos, originários da Índia, Sri Lanka e Singapura. No segundo grupo, há os convertidos das mais diversas origens étnicas e nacionais.

Em países como o Brasil há regiões nas quais o islamismo já representa um grupo considerável da população. Segundo o IBGE, essas regiões coincidem com aquelas que têm grandes comunidades de origem árabe: o estado de São Paulo em primeiro lugar, seguido do Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em algumas regiões do Brasil, o islã surge no século XVIII, trazido pelos escravos islamizados das regiões da África, tendo início na Bahia, e depois Alagoas e Pernambuco. Esses representantes do islamismo eram denominados “malês”.⁶ Após a revolta de 1835, iniciou o deslocamento dos muçulmanos para outras partes do país, quando aqueles escravos islâmicos foram vendidos para Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Mesmo tendo muçulmanos vivendo no Nordeste brasileiro no século XVIII, só houve o estabelecimento de uma comunidade islâmica no final do século XIX, aponta Lidice Ribeiro (2012, p.109-118).

Voltando ao tema do estigma, para Aurenéa Oliveira (2007 p.233), o no contexto islâmico, ele se define por valores sociais e atributos que possuem e não são aceitos socialmente. No mini Aurélio, dicionário de língua portuguesa (2004, p.318), a palavra estigma é explicada como sendo uma “cicatriz, sinal,

⁴ Em entrevista.

⁵ Dentro do contexto islâmico, significa um retorno a Allah, já que, para eles, todo homem nasce muçulmano e afasta-se quando segue outras religiões. RIBEIRO (2012, p. 108)

⁶ Termo ioruba imali, significa “renegado que adotou o islamismo”. (RIBEIRO, 2012 p. 110)

marca (que permite distinguir ou identificar o portador. Condição ou qualidade desonrosa, que traz desonra ou provoca reprovação”. Já estereótipos significa “Concepção baseada em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento real, geralmente de cunho preconceituoso ou repleta de afirmações gerais e inverdades” (DICIO, s/d).

Após os ataques de 11 de setembro de 2001, o islamismo tornou-se pauta em todo mundo. Para algumas pessoas tornando o “desconhecido” conhecido, levantando temas como o “terrorista” e associando-o ao estado islâmico, além da multiplicação de indagações sobre a religião e suas práticas, quase sempre com base em estigmas e estereótipos.

Um deles é a opressão às mulheres muçulmanas, envolvendo assuntos como a “Burka”, peça de vestuário usada por elas naquelas sociedades islâmicas mais tradicionais. Montenegro (2002, p. 78-79) esclarece que o alcorão “recomenda somente a modéstia no vestir, tanto para o homem quanto para a mulher”. No Brasil, recomenda-se o seu uso em orações. Em países como o Afeganistão, onde as mulheres são obrigadas a cobrir todo o corpo, só deixando os olhos a mostra, o uso da burka é considerado um “costume tribal” para muitos muçulmanos (MARQUES, 2008 p. 9). Outros assuntos também são alvos de estigmatização como o casamento forçado e a poligamia.

2 DESENVOLVIMENTO

O ponto inicial para o desenvolvimento do livro foi a pesquisa sobre o islamismo para ter um conhecimento básico tanto da religião como a cultura, desta forma a ação foi através da leitura do alcorão, livros, artigos, pesquisas na internet e entrevistas. A partir desse passo foi possível iniciar o projeto com pesquisas acerca do tema principal que é retratar as diferentes características do ser muçulmano no estado de Pernambuco tendo enfoque no estigma e estereotipo.

Durante o processo de pesquisa, antes das entrevistas e sessões de foto, foi crucial o entendimento de alguns pontos, sendo algum deles com relação ao estigma e ao estereotipo, abordados no livro, em falas dos personagens, e, como citado anteriormente, com relação a religião e a cultura islâmica. Dessa forma concluiu-se que era necessária uma abordagem esclarecedora, na qual trouxesse esses pontos e dúvidas que cercam o islã.

Foram escolhidos seis pontos considerados importantes. Essa decisão foi baseada na frequência com que esses assuntos foram abordados durante a pesquisa e as entrevistas. O xiismo e o sunismo apresentam-se como um dos pontos importantes, para esclarecer sobre a divisão existente entre seguidores da religião.

As vertentes xiita e sunita surgiram logo após a morte do profeta Maomé durante uma guerra civil que resultou em três grupos: os carijitas e conseqüentemente os xiitas e sunitas. Surgindo contradições, durante a pesquisa, a respeito de uma definição específica de cada vertente, foi mais apropriado trazer essas definições dentro de algumas das falas dos modelos entrevistados.

Eduardo Santana personagem do livro explica assim o xiismo:

Ele (xiismo) pode ser mais ou menos descrito como 'xia' 'xiali' (ou seja, simpatizantes partidários de Ali), esse negócio ganhou força, mas é só uma tendência política. Não houve uma divisão em termos religiosos, não houve uma divisão em termos dogmáticos e na prática de religião.

Nós, xiitas, acreditamos que, quando o profeta morreu, seria mais conveniente, mais adequado, mais correto, em termos de política, que Ali, primo do profeta e casado com a filha dele, se tornasse Califa (Califa é o líder da nação islâmica).

O xiismo é um sentimento, é uma perspectiva política, um discurso político e uma tendência filosófica dentro do islã, não uma quebra dentro do desenvolvimento da nação islâmica que chamamos de 'Umma' tanto que xiitas e sunitas vivem bem.

Michele Maria personagem do livro apresenta o sunismo da seguinte forma:

O sunismo é suna. É você seguir tudo o que o profeta fazia. O profeta tinha revelações pelo o anjo Gabriel de como agir em tudo; de como beber; de como falar; de como dar um conselho; de como dar as orações. Então isso era um modo de vida. Os costumes do profeta eram chamados de suna. Então, quem segue a suna do profeta é chamado de sunita.

O fato dos muçulmanos se dirigirem a Maomé como profeta se dar ao fato de que, na postura islâmica, há um único Deus que enviou profetas a todos os povos e nações, durante séculos, em um de total de 144 mil. Na religião islâmica, entre esses profetas existem cinco considerados os mais importantes. São eles: Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Maomé. Nomes presentes tanto na bíblia, como no alcorão.

Historicamente, todos os seguidores do islamismo, como do judaísmo e, por consequência, o cristianismo, são filhos do profeta Abraão. A religião islâmica surgiu na Península Arábica no século VII, depois da aparição do Arcanjo Gabriel para o profeta Maomé (no cristianismo, ele anuncia o nascimento de João Batista e Jesus, e, no islamismo, revelou o alcorão a Maomé).

Outra curiosidade é o terço islâmico que é um colar dividido em 33 ou 99 contas, separadas por um nó. Uma das ferramentas para o dhikr, técnica de memorização, por meio de repetição. É usado para fazer orações, repetindo os 99 nomes de Allah, e fazer a glorificação de Deus depois da oração regular.

Um ponto abordado nas entrevistas foi sobre o casamento e o divórcio. O grande tabu na religião islâmica e o que mais levanta questões acerca do casamento muçulmano é o divórcio. Para muitos, aqueles que não são adeptos, o divórcio é considerado proibido. Porém, não é. O divórcio no islã é permitido, contanto que se respeitem algumas regras. Uma delas diz que o divórcio está na autoridade do homem, mas não genericamente em todas as situações. Uma explicação sobre o divórcio encontra-se no seguinte versículo:

O divórcio é permitido por duas vezes. Então, ou reter a mulher, convenientemente, ou libertá-la, como benevolência. E não vos é lícito retomardes nada do que lhe haveis concedido, exceto quando ambos temem não observar os limites de Allah (...) (Sura: Al-Baqarah, 229)

Já o casamento, diferente do cristão, é um contrato entre o homem e a mulher. Não é preciso a presença de um padre ou algo do tipo para legitimar a união. No islã, o casamento pode ser realizado por um membro da comunidade que entenda da religião. Para serem considerados casados, deve haver o registro do consentimento mútuo.

No islã, não existe namoro, muito menos “ficar”, termo usado bastante usado em países como o Brasil, quando as pessoas namoram sem compromisso. Existe um noivado, que geralmente tem um período curto, quando os noivos se conhecem, apenas como amigos e sem se beijar.

Outro grande ponto e considerado tabu por os não adeptos a ação é a poligamia. Antes da aparição do Anjo Gabriel, era costume na Arábia, entre muitos homens, que eles levassem as meninas órfãs para suas casas, sob o motivo de defraudar e tutelar e em seguida se casarem e se apropriarem de suas propriedades. Eles, até mesmo, atribuíam menos do que a quantia comum a seus dotes e quando não queriam mais a esposa, eles podiam facilmente deixá-las. Eles denegriam sua primeira esposa para que ela precisasse devolver seu dote para que o marido pudesse se divorciar dela. Depois disso, o marido poderia se casar com outra mulher, com o mesmo dote que ele havia dado a outra.

Na época em que o alcorão foi revelado, foi instruído nos versículos que os guardiões das órfãs poderiam se casar com elas, contanto que eles aplicassem a justiça sobre elas completamente. No islã, existe uma grande preocupação em tutores se casarem com meninas órfãs. A recomendação é para que não se repita o mal disseminado na Península Arábica antes da revelação.

A explicação para a poligamia pode ser definida em cinco pontos: o novo casamento é admissível do ponto de vista do islã; o divórcio está na autoridade do homem; o islã é o defensor dos direitos das mulheres e proíbe o divórcio se o segundo casamento pode desrespeitar os direitos da primeira esposa; as esposas têm posse e toda a sua riqueza deve ser dada a elas (então não tome isso, recomenda o islã), um dos piores tipos de transgressão é pegar a propriedade dos outros.

O islã foi a primeira religião que limitou o número de esposas, no contexto poligâmico, impondo três condições ao homem: não ultrapassar o número de quatro esposas; não ser injusto com nenhuma delas; ser apto a sustentá-las equitativamente. Na religião, a lei não tem contradição com a indisposição natural: é natural que um homem mostre mais afeição à sua jovem esposa do que à sua esposa envelhecida. Por isso, na religião que o mandamento da justiça se deve apenas ao tratamento do marido para as suas esposas, não devido ao seu amor sincero.

2.1 A REALIZAÇÃO

Incluído nesse aprendizado, a apuração dos fatos ocorreu nas entrevistas e também com visitas aos Centro islâmico de Recife e Olinda, bem como com a colaboração de um dos entrevistados, João Adriano, que contribuiu antes mesmo do projeto ser definido.

Dentro da perspectiva de aprendizado acerca da religião e da cultura islâmica e considerando o perfil de cada entrevistado, a elaboração das perguntas foi a partir dos pontos e contrapontos entendidos e construídos durante todo o processo.

Os entrevistados foram João Adriano, Eduardo Santana, Moustafar Serigne; que por motivos pessoais acabou não permitido o uso de sua imagem, Juliana Maria e Michele Maria. As entrevistas ocorreram em locais de preferência dos entrevistados: no trabalho, em casa e em um centro islâmico.

Os materiais utilizados foram: gravador de voz, bloco de notas, caneta e câmera fotográfica, ressaltando que maioria das entrevistas se dividiu em duas partes, para poder oferecer um ambiente tranquilo ao entrevistado. As fotos ocorreram depois das entrevistas, mediante autorização.

As fotos e a diagramação foram pensadas de forma simples para dar mais eloquência a essência do projeto mostrando mais sentido ao real objetivo dele, tendo uma foto com edição por a pele do personagem ser muito clara e a luz refletir nele. O uso do preto na diagramação do livro, foi para realçar as fotos e passar mais coerência na normalidade do ser muçulmano.

Cada foto é acompanhada de uma fala do personagem. Nesses textos durante todo o livro vai haver erros linguísticos propositalmente, por ter sido transcrevido igual ao que o personagem falou. O porque é explicado pelo o próprio título do livro as características do ser muçulmano no estado de Pernambuco, todos os entrevistados que aparecem no livro são Pernambucanos revertidos⁷ ao islã, conseqüentemente com sotaques e expressões linguísticas do lugar em que vive.

⁷ Expressão usadas por muçulmanos para quem se converte ao islamismo.

Para fotos, foram usadas lentes 53 mm da canon, comuns para retratos por dispor de um desfoque preciso. A ideia em fazer um retrato nas maiorias das fotos foi para transmitir a noção de algo simples, Pedro Sousa (2002, p.121) defende que o retrato fotojornalístico existe porque os leitores gostam de saber como são as pessoas que apresentam na história, sendo assim entre as tarefas do fotojornalista ao desenvolver um retrato consiste em não apenas mostrar a faceta física exterior da pessoa, mas também evidenciar um traço de sua personalidade, tendo a expressão facial como ponto importante no retrato, por ser um dos primeiros elementos da comunicação humana.

Traços que foi tentado demonstrar em todas as fotos fazendo sempre o uso de uma iluminação que pudesse mostrar um fundo mais escuro, como explica Sousa (2002, p.122) que no retrato deve sempre preferir a luz natural à iluminação artificial, recomendando sempre a fotografia em espaços abertos, no início da manhã e no final da tarde, pois nesses ângulos a luz solar é propício a obtenção de zonas de sombra que dão volume aos motivos e evita a entrada de raios de luz indesejáveis na objetiva.

O mesmo método abordado para a elaboração das fotos foi usado também para a diagramação, apresentando um tom de seriedade, a cor preta entra no livro com uma ressignificação do objetivo do livro ao transmitir elegância, nobreza, sobriedade e autoanálise ao livro contrastando com a cor branca por refletir todas as cores anunciando paz, pureza e limpeza.

A capa foi pensada para dar impacto visual e atrelar ao sentido de olhar no islã, A ideia inicial – e principal – sempre foi algo que remetesse ao olhar. Então, foi pensada para a capa um desenho de uma das fotos, tiradas durante o projeto, que foi da personagem/entrevistada Juliana. A escolha ocorreu também por ela usar o véu, um ponto bastante se estigmatiza não só em Pernambuco, mas em todas as sociedades em que não tenha predominância islâmica.

O tema e os aspectos escolhidos para dar o real sentido ao projeto foram pensados para se aproximar do principal objetivo do livro, o de contribuir com uma discussão crítica sobre os estigmas construídos a respeito da religião islâmica e dar mais visibilidade aos muçulmanos.

3 RESULTADOS

O resultado final do projeto consiste em um livro reportagem-fotográfico com o título “Um olhar no islã”, tendo como tema e objetivo principal retratar as diferentes características do ser muçulmano no estado de Pernambuco, traz um conjunto de 31 fotos dos entrevistados acompanhadas de falas apuradas durante a entrevista, apresentando também um enfoque no estigma e estereótipos acerca dos muçulmanos. O resultado final foi fiel ao objetivo inicial do livro que é contribuir para a discussão acerca dos estigmas e estereótipos acerca dos muçulmanos e dar visibilidade a eles tanto no estado de Pernambuco, como no Brasil.

4 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente relatório teve como objetivo detalhar os procedimentos usados e as experiências durante o processo de pesquisa e as experiências vividas por ele. A pesquisa contribuiu na ressignificação da visão estigmatizada e estereotipada que era atribuída aos muçulmanos através da mídia, consequentemente conhecendo a cultura e a religião e diferenciando-a. Reforçou o real objetivo e motivo para a realização da pesquisa ao atribuir uma religião como todas outras, só vindo de uma cultura diferente.

REFERÊNCIAS

NASR, Helmi. **Tradução do sentido do nobre Alcorão**. 2º. Ed. São Paulo.

BELO, Eduardo. **Livro – Reportagem**. 2º. ed. São Paulo: Editora contexto. 2016.

DICIO. **Dicio**: Dicionário Online de Português. s/d. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/estereotipo/>>. Acesso em 12 abr. 2017.

O islã no Brasil: Um estudo comparado, Minas Gerais, p. 2-21, jun. 2008. Trabalho científico apresentado no Fórum de Pesquisa: O Islã na contemporaneidade: Perspectivas Identitárias / Alteridades, migratórias e percepções do sensível. 26, 2008, Minas Gerais.

MONTENEGRO, Silvia M. Discursos e contradiscursos: O olhar da mídia sobre o islã no Brasil. **MANA**, v. 8, n.1, p. 63-91, 2002.

NAKASHIMA, Henry Albert Yukio. **Islã**: religião, etnicidade e cultura. **Revista Tempos Acadêmicos**, online, n. 7, 2009.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria. **Preconceito, estigma, e intolerância religiosa**: a prática da tolerância em sociedades plurais e em estados muticulturais. *Estudos de Sociologia*, v. 13, n. 1, p. 239-264. 2007.

PEW RESEARCH CENTER. **Muitos países favorecem religiões específicas, oficialmente ou não oficialmente**. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2017/10/03/many-countries-favor-specific-religions-officially-or-unofficially/>>. Acesso em 04 out. 2017.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. **A implantação e o crescimento do isla no Brasil**. 2012. **Estudos de Religião**, online v. 26, n. 43, p. 106-135 • 2012.

SANTOS, Delano de Jesus Silva. Ummah e narrativas: história e identidade da religião islâmica. 2007. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 2, n 1, p.167-196. 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Editora Porto, 2002.